N.º 6

PREÇO 50 RÉIS

"A ÁGUIA"

Revista quinzenal ilustrada de literatura e crítica

PREÇOS

Cada número:

Portugal	50 reis
Espanha	30 ct.
Estranjeiro	30 ct.
Brasil	200 reis

Série de 10 números:

Portugal	500 reis
Espanha	3 pesetas
Estranjeiro	3 francos
Brasil	2$000 reis

Não se satisfazem os pedidos que não venham acompanhados da respectiva importáncia.

Director, proprietário e editor — ÁLVARO PINTO

Redacção e administração

Rua da Alegria, 218 — PORTO

Porto · Tip. da Empresa Guedes · Rua Formosa, 244

SUMÁRIO

SAI A 1 E 15 DE CADA MÊS E SÓ PUBLICA INÉDITOS

N.º 6 — 1.ª Série | Porto, 15 de Fevereiro | Ano I — 1911

A ÁGUIA

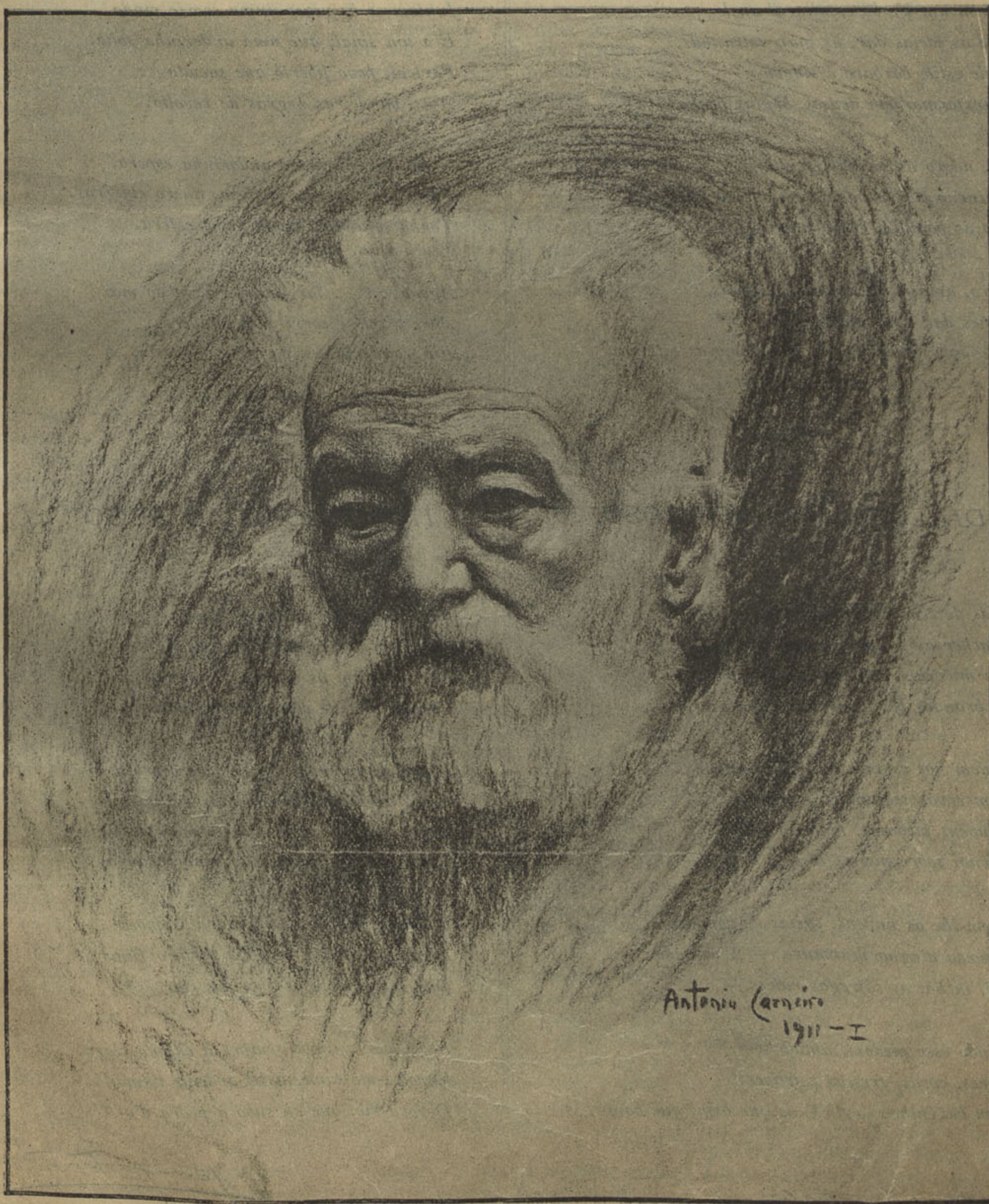
Revista quinzenal ilustrada de literatura e crítica

Sai a 1 e 15 de cada mês e só publica inéditos

Redacção e administração
Rua da Alegria n.º 218 — PORTO

Composto e impresso na Tipografia da Empreza Guedes, R. Formosa, 244-Porto.

Director, proprietário e editor — ÁLVARO PINTO

Antonio Carneiro
1911 — I

VICTOR HUGO (1802-1885)

(Desenho de António Carneiro.)

AS ESTÁTUAS

Meunier ou Rodin... Sculpir, que belo!
Roubar o duro mármore às montanhas
E zás..., à voz febril do camartelo
Brota-lhe a vida eterna das entranhas...!

Tambem um Verbo escultural anelo;
Quero às ideias dar, as mais estranhas,
Aquele estilo bárbaro e singelo
E transformar em deuses, brutas penhas.

Poeta, adoro as sóbrias esculturas;
Se encarno o pensamento em fórma viva,
Talho as palavras como pedras duras;

Quebro, amacio, alteio, ali rebato-as,
Até lhes dar uma nudez altiva
— Que os grandes versos sam como as estátuas.

DIÁLOGO VOLUPTUOSO

Ninfas do céu, as nuvens vem do Mar
De encher as fundas ánforas redondas,
E em musicais, em voluptuosas rondas
Seus brandos pés de sonho pisam o ar.

— Quem nos estanca as sêdes hediondas? —
Dizem ervas sequinhas, a mirrar
— Nuvens piedosas, fontes a voar
Entornai sobre nós as frescas ondas. —

Volvem-lhe as nuvens, cheias de bondade
Na queda d'agua múrmura: — Á vontade;
Bebei, inchai as sôfregas raízes. —

Ouvindo esse piedoso, úmido som,
Arvores, ervas, frescas e felizes
Dizem baixinho: — Ah!... que bom, que bom...!

S. João do Campo — 1909.

ANDORINHAS

Vôa a andorinha d'asa em foice aguda,
Fende o ar, sobe ao Céu, e vai e volta;
Não sei de ímpeto audaz que não lhe acuda
No delírio sublime, em que anda envolta.

Juntam-se às vezes numa coorte muda,
E a um sinal, que uma andorinha solta,
Partem, povo liberto que sacuda
Asas, bandeiras negras de revolta.

— Eh! lá, eh lá! ó andorinha espera,
Pára: que eu vou tambem, quero emigrar,
Tenho saüdades duma nova esfera.

Agora, vá... largai, que além do mar
Abre o seio e sorri a Primavera.
Eia! andorinhas, é voar... voar...!

INVOCAÇÃO AO FOGO

Fogo dos altos, solitários sois,
Que tudo ao teu contacto transfiguras,
Por ti ardem os génios e os herois
Crepita a noite eterna em chamas puras;

Lepra do inferno, no que dás corrois;
Raio, fulminas quanto mais fulguras,
Tanto mais brilhas, quanto mais destrois;
Lavras, tudo devoras... mas perduras.

Valmiki, Homero, Byron ou Camões...!
Dêsse holocausto, onde se perde o fumo?!
Que sopro ateia os fúlgidos clarões?!

Fogo, que animas sempre a chama clara,
Envolve-me também no ardente rumo,
Devora-me, que eu subo à pedra d'ara!

VICTOR HUGO

Faz agora annos que a Humanidade, representada em Paris por milhares de creaturas, vindas de toda a parte, dos *Quatro Ventos do Espirito* e do Mundo, assistiu aos funeraes de Victor Hugo, dominada pela mais dolorosa comoção. Se ella acabava de perder a *presença tangivel e organica* de um seu representante eterno?!

A maior parte dos homens conhece apenas esta *presença*, porque os seus sentidos, rudimentares ainda, não alcançam a *presença viva e espiritual*.

Para o *vulgo*, partindo-se a Imagem, quebra-se a Divindade.

Ha homens, como Zola por exemplo, que são simples representantes d'uma escola, d'uma ideia transitoria, d'uma época, emfim. Estes homens têm o seu esplendor passageiro, como passageira é a alma que elles encarnaram. Podem continuar a existir na memoria das gentes; mas *isso* não é *sêr* eterno. A Imagem que fica só na memoria, arrefece, mineralisa-se; faz lembrar uma estatua inanimada; a sua eternidade é semelhante á eternidade das mumias.

Ser eterno, *viver* eternamente é ficar a existir no coração das creaturas; o coração vivifica tudo o que d'ele se aproximar, e mais ainda o que estiver dentro d'ele.

Outros homens ha, mais raros, como Victor Hugo, que, pela força do seu genio, se elevaram acima da fenomalidade contingente e temporal, atingindo o que ha de eterno e absoluto na Vida.

E d'essa grande altura animica, fallaram aos outros homens, gritaram a sua dôr, cantaram a sua esperança. As suas palavras, os seus gritos, as suas canções não morrem; são a propria vida na sua phase espiritual; a morte não a póde tocar, porque as suas azas negras não vôam tão alto.

Victor Hugo morreu, o seu cadaver repousou, por instantes, sobre o Arco do Triunfo, e desceu, emfim, á sepultura; mas João Valjean nasceu para não morrer; o seu corpo é incorruptivel, o sangue das suas veias não arrefecerá jámais, os seus olhos serão perpetuamente abertos e luminosos.

João Valjean é a propria *Historia da Vida:* é o Cahos tentando e alcançando a Harmonia.

No mundo fisico, é a rocha desagregando-se, sob a ação da agua e da luz, enternecendo-se até ser humus fecundo, e arvore, e flôr, e fruto.

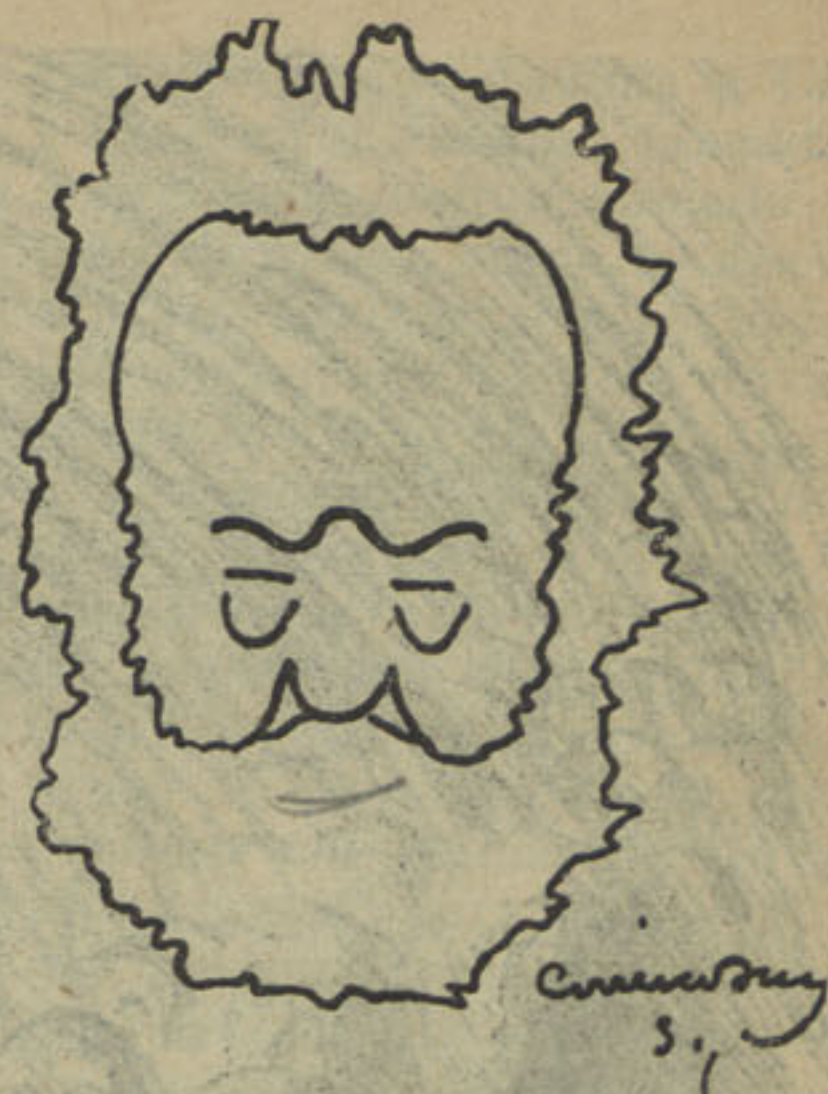
No mundo moral e humano, é a alma incipiente e céga, caindo, tateando, até que, de trabalho em trabalho, de queda em queda, de dôr em dôr, se vae firmando em si mesma, abrindo os olhos mais claros e confiantes, deitando o passo mais fórte e certo, a caminho da suprema Visão, da suprema Ciencia — que é a Bondade. Sem Bondade não ha Justiça (com letra grande, porque justiça com letra pequena é a peor das injustiças) não ha Liberdade, não ha Amôr; ha apenas erro e treva.

A contingencia de Victor Hugo, *sêr humano*, converteu-se na eternidade de João Valjean, *sêr espiritual*. Feliz a Creatura humana que tem o condão de se elevar acima do seu proprio sêr mortal e doloroso, projetando, no Infinito, a sua fragilidade e a sua miseria, transfiguradas em esperança eterna, amor eterno e vida eterna!

Hugo será imortal em Valjean, como Cervantes em Quixote, e Homero nos seus heroes. A imortalidade d'estes semideuses é a imortalidade esplendorosa, como a do sol e a das estrellas; mas toda a Creatura humana, por mais obscura, desde que tenha, durante a sua vida, um puro pensamento, póde eternisar-se e ficar a viver, depois da morte, n'esse pensamento humilde e sincero; o qual, se passar despercebido aos homens, será visto de perto e sentido pelos outros sêres da Creação: — para eles toda a vida é sensivel e tangivel.

Só o homem consegue ouvir á força de ruido; e para vêr, precisa da grande luz; por isso, só ergue os olhos para o Sol e volta a sua alma para as Almas evidentes, em alto e grandioso relêvo, como as almas de Hugo e de Homero...........

....

Quando Valjean *morreu*, conforme o desejo humilde de Victor Hugo, foi visto, no ceu de Paris, um Anjo imenso de azas abertas. O grande Poeta quiz significar com este facto, que o antigo forçado morrêra como um justo. O Anjo seria, portanto, um simples Enviado de Deus, que vinha receber aquella bôa alma ou, antes, aquella alma que se tornára bôa.

VICTOR HUGO
(Desenho de Correia Dias.)

Mas quem seria, na verdade, aquele Anjo imenso?

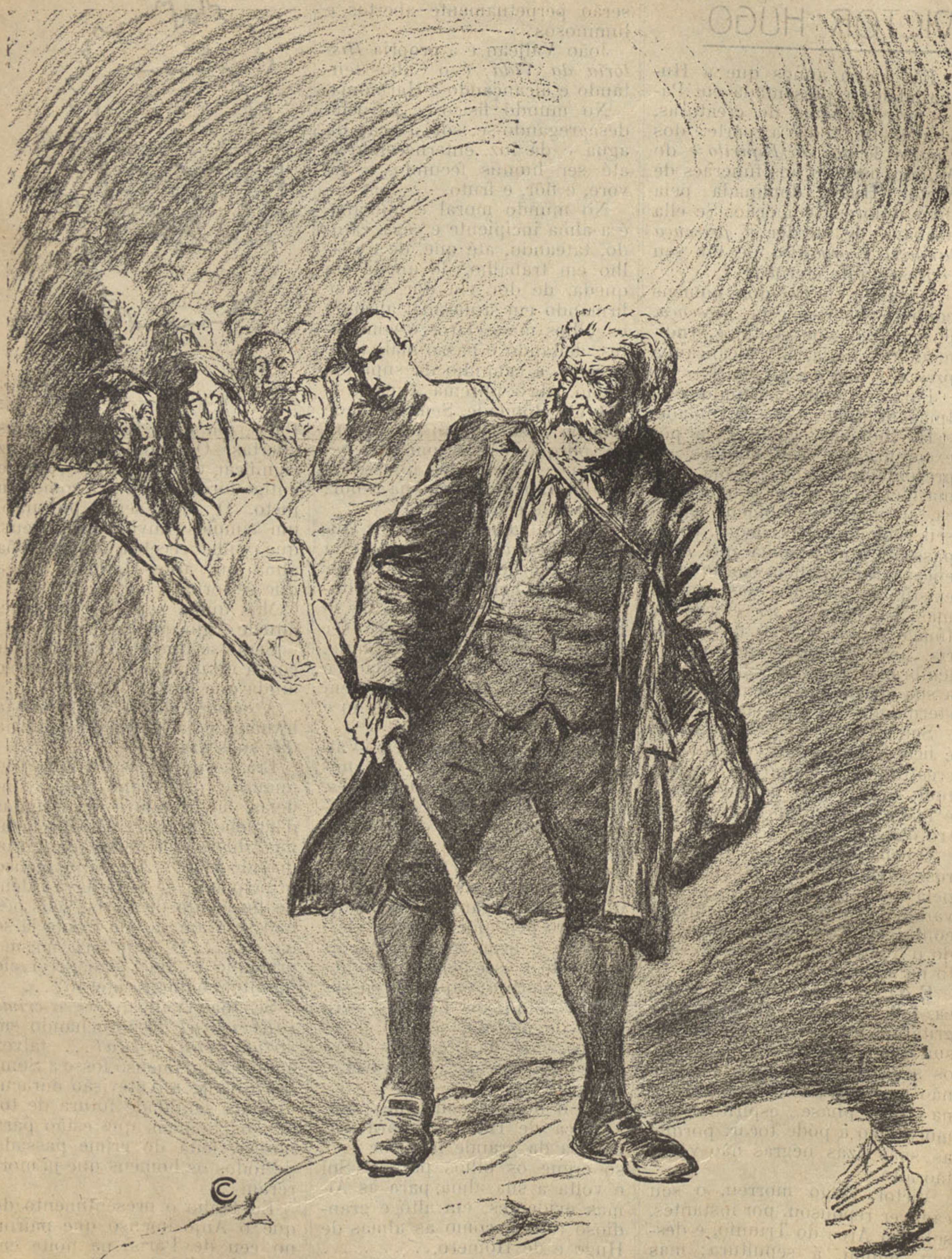
Sente-se que ele era qualquer cousa de mais belo e misterioso ainda que um Anjo...

A *Sombra Originaria* envolvia levemente a brancura diurna das suas azas...

Era de noite; as estrellas tremiam e oscilavam como candeias, ao brando e largo agitar d'aquelas azas... as suas pennas dir-se-iam feitas das brumas do mar... E o Anjo imenso principiava e terminava além do horizonte de Paris; seus pés não se viam; a sua fronte já se não via... O Anjo teria mesmo principio e fim? Não seria ele infinito, como era eterno?...

Se João Valjean era o *crime individual* desabrochando em *virtude individual*... talvez aquele Anjo imenso fosse a Sombra divina, a Antevisão miraculosa da santidade futura de todos os homens que estão para nascer, feita do crime passado de todos os homens que já morreram...

Eu tenho o presentimento de que o Anjo imenso que pairou no ceu de Paris, na noite em que a humildade de Hugo *matou* João Valjean, não era um simples Enviado do Senhor; mas, sim, o proprio Satan redimido,

(Desenho de Cristiano de Carvalho.)

elevado do Inferno da sua Revolta á Beatitude, á Pacificação da sua Victoria.

Aquele Anjo era Satan novamente Eleito e Consagrado pelo seu esforço e pela sua dôr. E o clarão divino das suas azas era o antigo fogo infernal:—assim a virtude que elevava aos céus a alma de Valjean era o seu antigo crime... A mão que fechou as portas do Carcere foi a mesma que abriu as portas da Bemaventurança.

Eis o grande Misterio, o indecifravel Inigma, que constitue o fundo mais profundo da Obra imorredoira de Victor Hugo.

Valjean não é a unica creação de Hugo, evidentemente, mas é, com certesa, a mais completa e perfeita.

Atravez de todos os seus livros, para além da esplendorosa poeira cósmica das imagens e dos rithmos que enevoam, por vezes, embora luminosamente, a imensidade azul e divina do seu Verbo, os nossos olhos maravilhados descortinam multidões de sêres de infinita beleza eterna, uma verdadeira *Super-Humanidade Espiritual*, que nos domina e leva para uma vida superior.

As «Contemplações» são a sua maior obra poetica. Nunca a dôr d'um Pae, que perde uma Filha, foi soffrida e sentida com mais profundidade e religiosidade!

Oh! esses versos imortaes dedicados «A'quella que ficou em França»!

A gente fica a imaginar que a morte de sua filha foi tramada pelo Destino, de proposito, para que Victor Hugo escrevesse os versos que são talvez os mais belos que ha sobre a terra.

Nas «Contemplações», Victor Hugo contempla a Vida, o Mundo, os mundos e as almas, não com os olhos do rosto, mas com as lagrimas que ele chorou sobre a Filha morta.

E como todo o Universo, atravez d'essas lagrimas geniaes, se transfigura e toma um novo sentido, terrivelmente belo, esplendorosamente soturno e tragico, desagregando-se em confusões de Cahos, como n'um cataclismo cósmico, para logo adquirir uma nova fórma religiosa, resignada e serena, uma harmonia feita de Beatitude e Graça, como se o Universo se tornasse, então, a propria morada de Deus! A dôr humana, a dôr que despedaça o Esqueleto, que queima a Carne e evapora o Sangue, cançada de soffrer, ou melhor, tocada pela mão de Deus, ergue as azas em oração, fitando, em extasis, a luz eterna, e é já uma nova esperança, e é já um novo amor...

Nas paginas das «Contemplações» passa um sôpro de loucura divina. O Poeta faz lembrar, ás vezes, um Deus enlouquecido! Apolo que arremessasse o sol ao rosto da Terra, desfazendo-o em ruinas de trevas e phantasmas, para depois o elevar, serenamente, unificado e resuscitado, mais novo e cheio de esplendor, ás supremas alturas infinitas!

Sim: Victor Hugo, n'esta sua obra de lirismo tragico, recorda um Deus que fosse divino pelo poder creador, e que fosse humano pela fraqueza de chorar.

Victor Hugo é eterno por outras obras ainda, mas as «Contemplações» e os «Miseraveis» são a maior attitude espiritual que ele atingiu.

Gloria ao seu nome nas Alturas!

Teixeira de Pascoaes

CANTOS ARABES

I

Eiras... trigaes... sobre a planicie raza,
sem sombra, sem relevo e sem abrigo,
moireja o lavradôr: ao sol que abrasa,
as suas mãos morenas ceifam trigo.

Saudosamente e erguendo o olhar em braza,
elle ergue a rude voz... a voz comsigo
traz indolencia e diz que a velha casa
tem os celleiros miseros de trigo.

No silencio da sésta o canto é triste...
arrastado, monótono, persiste
como a paizagem no seu tom egual...

Passa um pastor: cajado e manta ás riscas...
brancas, ao longe, as povoações mouriscas
gravam no Azul os seus perfis de cal...

II

E a voz soluça ainda: uma tristeza,
um musical queixume todo alado,
deixam-me a alma estatica e surprêsa,
deslumbram de harmonia o descampado.

Sóbe mais alto: e a voz como que accêsa
ao sol e á luz, numa volupia árde;
baixo soluça: a voz tremendo reza,
humilde como um dóbre ao fim da tarde.

Fecho os olhos em fogo: e surjem lendas,
perfis de bronze, uma distante raça
sobre a planicie desdobrando as tendas...

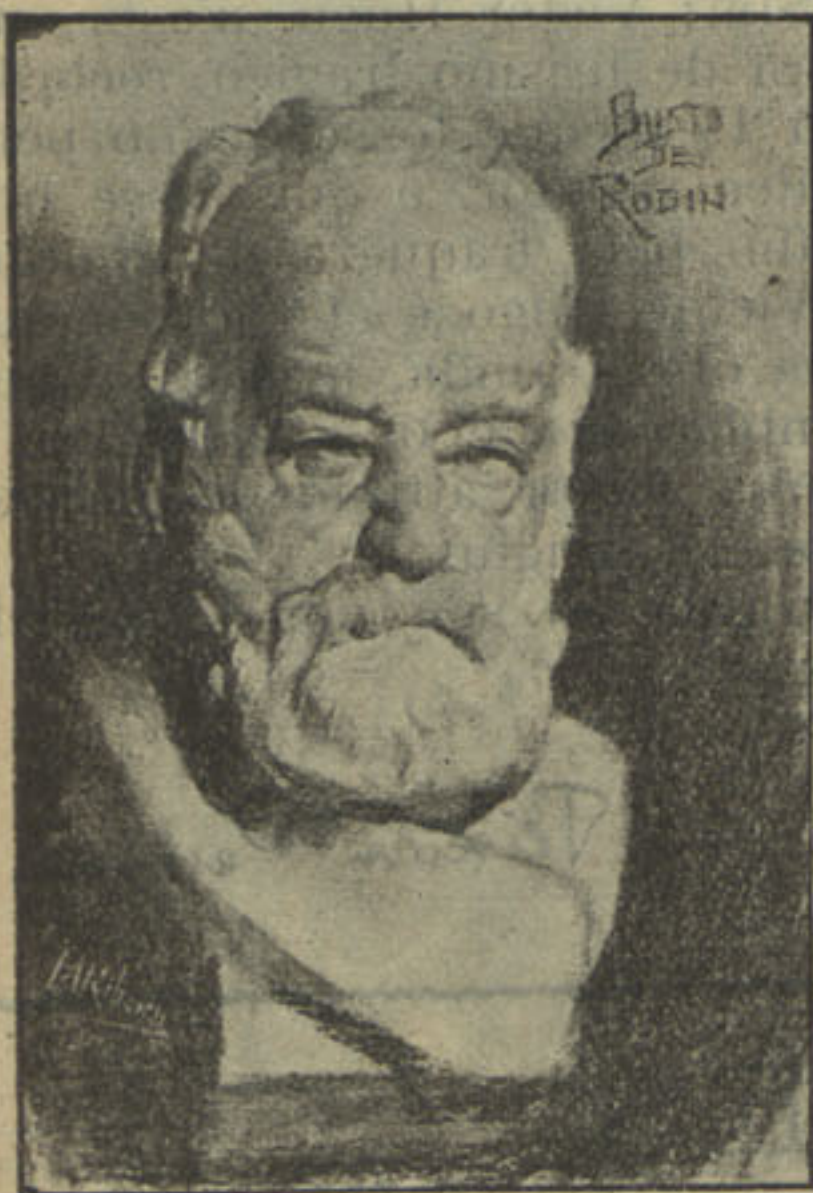
Edade-média... Allah... campinas bravas...
e, ante os meus olhos, rutilando, passa
a luz que mórde e incide nas aljavas...

Baixo-Alemtejo, 1908.

Mario Beirão

A propósito

Ha um punhado de annos a esta parte, teve a crítica por indispensavel que, para bem julgar do escriptor, importava conhecer o individuo. Dahi ávante uma legião de muitos milhares de córvos, grasnando theses de physiologia e de psychologia, caiu de penna em riste sobre a vida dos escriptores que maior influencia tiveram nas massas, e extrahiram-lhe á lús do sol, bem dependuradas, bem patentes, as vísceras mais bellas e as mais enjoativas.

Ora certa manhan entrovisca-

VICTOR HUGO
(Desenho de João Augusto Ribeiro.)

da, um destes furavidas que se entreteem a beliscar a reputação alheia, topou no seu caminho a vida íntima de Victor Hugo, e zás! — varou-a de lado a lado c'um gólpe de penna, préviamente molhada em fel e vinagre, que é a tinta dos membros do Syndicato Geral da Má Lingua.

Fôra o caso que a senhora Hugo manteve, *á l'insu de son mari* com o senhor Sainte-Beuve, uma destas relações explicaveis segundo a natureza humana, mas desintegradas dos códigos que regem a boa harmonia social.

— O quê — Victor Hugo?! preguntava-se toda a gente. Homem, vamos lá a gosar isso.

Correram os bisbilhoteiros, apinharam-se em magótes confusos, uns chamavam os outros, aguçando as pontas do escandalo; e todos se debruçou ávidamente sobre os restos putrefeitos do Mestre, todos os olhos interrogaram as suas órbitas vazias...

Cifrava-se ainda o caso a suspeitas; mas já os furavidas novamente furavam, e, dahi a pouco, desse esgaravetar, vinham á lús as primeiras epístolas. Faltava só que Lemaître viesse pôr, como veio, os pontos nos ii, clamorando aos quatro ventos civilisados que se ao criador da *Legenda dos Séculos* poisava sobre a fronte olympica uma auréola de estrellas, tambem lá relevavam outras auréolas bem mais duras e menos luminosas.

Pregunto eu: p'ra que é bom tudo isto? E agora, que já entregaram á voracidade doentía do publico todas as intimidades, todos os receios, todas as torturas, todas as fraquezas duma alma feminina, pregunto ainda: que veio tudo isto accrescer ou tirar á gloria de Victor Hugo?

E' uma péça de tres personagens em que só duas representam. A terceira, o marido, ignora o que se passa, vive e morre na suave illusão de que amou e foi amado.

Volvidos alguns séculos, a senhora Hugo com o seu amor adúltero, e o senhor Sainte-Beuve com as suas zarguncharas impressas, estarão pulverisados pelo caruncho implacavel do tempo.

Só Victor Hugo, porque foi vasado no rijo bronze das figuras antigas, perdurará na memoria dos que muito o sentiram e o amaram.

Albandoso Martins

EÇA DE QUEIROZ

ULTIMAS PAGINAS

(Manuscriptos ineditos)

É o seguinte o plano que a Livraria Chardron, de Lello & Irmão, seguirá para, dentro de poucos meses, ter editado os manuscritos inéditos de Eça de Queiroz.

I — Vidas de Santos: *S. Christovão; Santo Onofre;* e *S. Frei Gil.*

II — Artigos diversos: *Carta a Camillo Castello Branco; Ultima carta de Fradique Mendes; Testamento de Mecenas;* e *O «Francesismo».*

Á penhorante amabilidade dos editores deve *A Águia* a publicação deste belo trecho do *S. Frei Gil:*

....

Todos os passaros se tinham callado, em redor, na ramaria da cêrca. A agua cahia da rocha, com um murmurio abafado. Uma doçura maior amaciara o ar: — e os raios do sol que descia ficaram parados, dourando com tons d'ara o banco de pedra, onde Gil dizia as divinas istorias. Então o bom Abbade, pousando a sua gorda mão sobre a cabeça de Gil, affirmou que havia alli um agudo entendimento, e que bem devia D. Ruy, pois tinha cabedal, mandar aquelle moço estudar a França, terra de grande sapiencia,... O pae murmurou: «Tão longe!»

Não. Não havia longes terras para ir buscar o Saber. Mais longe se ia a Jerusalem, para alcançar a Graça! E a sapiencia, tanto como a Graça, conservava a alma limpa do mal...

— Desejou então que D. Ruy provasse o seu vinho branco. E tendo dado a ambos a benção de Deus, e ordenado a um hortelão que alli regava as plantas que mettesse num açafate cerejas e rosas para a Senhora D. Tareja, tomou o braço do noviço, porque tocara a vesperas — e elle devia dispôr uma remessa de Reliquias destinadas a uma herdade do Convento, visitado recentemente pelos repetidos flagellos do fogo, lobos e sezões. Os dois senhores beijaram a sua mão reverenda — e recolheram contentes ao solar, pelo caminho da Ermida.

Gil começou então a estudar com tanto fervor — pensando sempre nos louvores do D. Abbade — que bem depressa soube tudo quanto sabia o doce Frei Munio. Mesmo muitas vezes perturbava este discreto Mestre, com a sua curiosidade temeraria, que tudo queria comprehender, até a ordem da Natureza. Era sobretudo á tarde, quando para repousar das praticas estu-

diosas, ambos subiam ao eirado da torre d'Ordonho, e, lentamente, passeavam em volta das ameias, todas verdes d'hera. O ceu arqueava por cima a sua abobada, de azul claro, immutavel e sempiterna. O sol, como uma roda de metal candente, roçava a espinha dos montes, dardejando longos raios.

E a terra, escura e macissa, estendia a sua ondulação de valles e serras, até onde o olhar se perdia. Então D. Gil queria saber qual era na verdade a fórma da terra: para onde ia o sol, quando se sumia tão serenamente por traz dos montes: e quem sustentava assim, tão firme, a abobada do ceu. Para satistazer o seu discipulo, Frei Munio folheava os in-fólios, que pedia emprestados á livraria do convento, sobre os *Ensinamentos da Providencia*, obra mirifica que, nas suas laudas fortes, encerrava a summa do saber Benedictino. E pondo o dedo na lauda, explicava a Gil que a terra é quadrada, tendo por centro, na face voltada para o ceu, a Santa cidade de Jerusalem: que o sol, de noite, vae allumiar o mar, e por vezes, em dias de festa, allumiar o Purgatorio: e que quem ampara esta abobada cheia de luz de estrellas, de nuvens, de ventos, são os quatro Evangelistas, aos quatro cantos do Mundo, com as suas mãos que tudo podem, por terem tocado as mãos do Senhor.

. . . .

PROVENÇAL

Em um solar de algum dia
cheïnho de alma e valia,
foi ali
que a gôsto de olhos a vi.

Como dantes inda vasto,
agora
não tinha pombas, nem mel;
e á opuléncia de outróra,
esmoronado e já gasto,
pedia mãos de alvenel.

Foi ali
que a gôsto de olhos a vi.

O seu chapeu que trazia
do calôr contra as ardéncias
era o que a pêna daria
num certo sabor e arrimo
com geitos de circunferéncias
a morrer todas no cimo.

Dávam-lhe franco nos hombros
as pontas do lenço branco
— e sem que ninguem as ouça —
éram palavras da Môça
com voz alta de chamar.

Palavras feitas em gesto
egualsinho e manifesto
como um relance de olhar.

E, bela, fechada em gôsto,
fazia o seu rosto dela
a gente mestre de amar.

Foi num solar de algum dia
cheïnho de alma e valia
que eu disse de mim para ella
por este falar assim:

Vem, meu Amôr:

E os dois iremos juntos pelos Montes;
e o sol abençoará, — nosso tesoiro, —
a seára, o pão da Terra, o trigo loiro;
e como nós ham de falar as Fontes.

Vem, meu Amôr:

E terás os meus cantos, o que eu valho;
vem: serás do meu sangue e meu amor.
Dê-me beijos e graça o teu Amôr
e encherás de ternura o meu trabalho.

Vem, meu Amôr:

E o fim do nosso dia, o Sol-poente,
sem más obras na mente e coração
ha de sorrir á nossa casa, á gente.

Vem, meu Amôr:

Vem como o sol doirado quando brilha
de juntinho da Terra e em devoção
êle a beija e fecunda á maravilha.

(Do livro POEMAS.)

Affonso Duarte.

Terrinhas de Portugal[1]

Quem muito vive nas cidades, cêdo se enfastia. Então, puxa por nós um tão fórte gôsto pelas coisas simples do campo que, a nossos olhos tediosos, a terra grosseira das azinhagas, um caminho através de pinhal, ou fresco carreiro á borda de levada, valem mais — muito mais! — que «boulevards» entre jardins e palacios. Mas, passado tempo, tambem a aldeia nos enfastia . . .; e assim, neste vai-vem, vive a alma do homem como vive a do mar na áncia da onda, no desanimo da vasante!. . .

Uma vez que saí de Lisboa, meus olhos e meus ouvidos vinham tão sofrêgos de coisas pittorescas e candidas, que se agradavam e se prendiam fosse da toada de um pregão, fosse do chapelinho negro e triste da varina ligeira, fosse dos arreios pintalgados dos machos beirões, fosse das mil côres e dos mil desenhos dos supersticiosos jugos, vasados de arabescos entre custodias e cruzes nascidas de ingenuos corações em fogo — como se tudo na vida fôra rodopio em torno da religião e do amor! Manchas de païsagens, casaes antigos e discretos, noras cantadeiras sob alpendres de telhados vermelhos, espigueiros e pombaes, moinhos e açudes, trajes differentes, differentes costumes — tudo os interessava. Então, veio-me á ideia percorrer o meu país, visitando meúdas cidadezinhas arredadas, villas, aldeias e lugarejos; as praias, os rios, e os ribeiros; montanhas, valles e pinhaes melancolicos; campos e curvas de estrada em que ninguem repara, de que ninguem fala — modestas coisas que todos julgam de pouca monta, e desprezam.

Ouvir joviaes cantigas de amor á moça de lavoira, ou á rapariga que anda com os bois; escutar tristezas á poveira compondo rêdes, ou á serrana olhando por seus rebanhos!; entrar em mansas cozinhas sertanejas e ouvir

[1] Primeiro capitulo do livro, inédito, *Terrinhas de Portugal*.

contar, ao rescaldo das lareiras, longinquas tradições dobadas pela gente velha; conversar com soitos de sobreiros ao redor de igrejas caïadas; subir degraus cavados e pisar adros poídos onde se tecem os primeiros fios —os melhores!—da illudida teia do amor; por onde passam, voando, as revoadas dos baptizados festivos, e onde tambem caem, em tardes tristes, ao dobrar de sinos chorosos, os pingos de cera dos saímentos funebres! Visitar santos a que tantos têm rezado: uns, gordos e bondosos a quem tudo se pede; outros, de maior respeito, para as dôres da alma, como á mortificada imagem da «Senhora dos Afflictos»; outras de mais confiança, como á «Virgem das Graças», moça, bonita, risonha, e oirada a quem se apegam, sem córar, as raparigas mais timoratas, tal qual se ella fosse da sua egualha e correntemente lhes entendecesse o feitiço dos seus amores gôstosos e desasocegados! Ouvir pela noite fóra o latido zeloso dos cães de guarda, e, ao amanhecer, o clarim dos gallos cantadores; entrar em capellinhas de altares sumidos, onde se reza, ao lusco-fusco, a missa das almas; ouvir pêgas nos pinhaes gralhar matinas; e subir a brandos oiteiros para ver romper o dia em tintas virginaes!

....

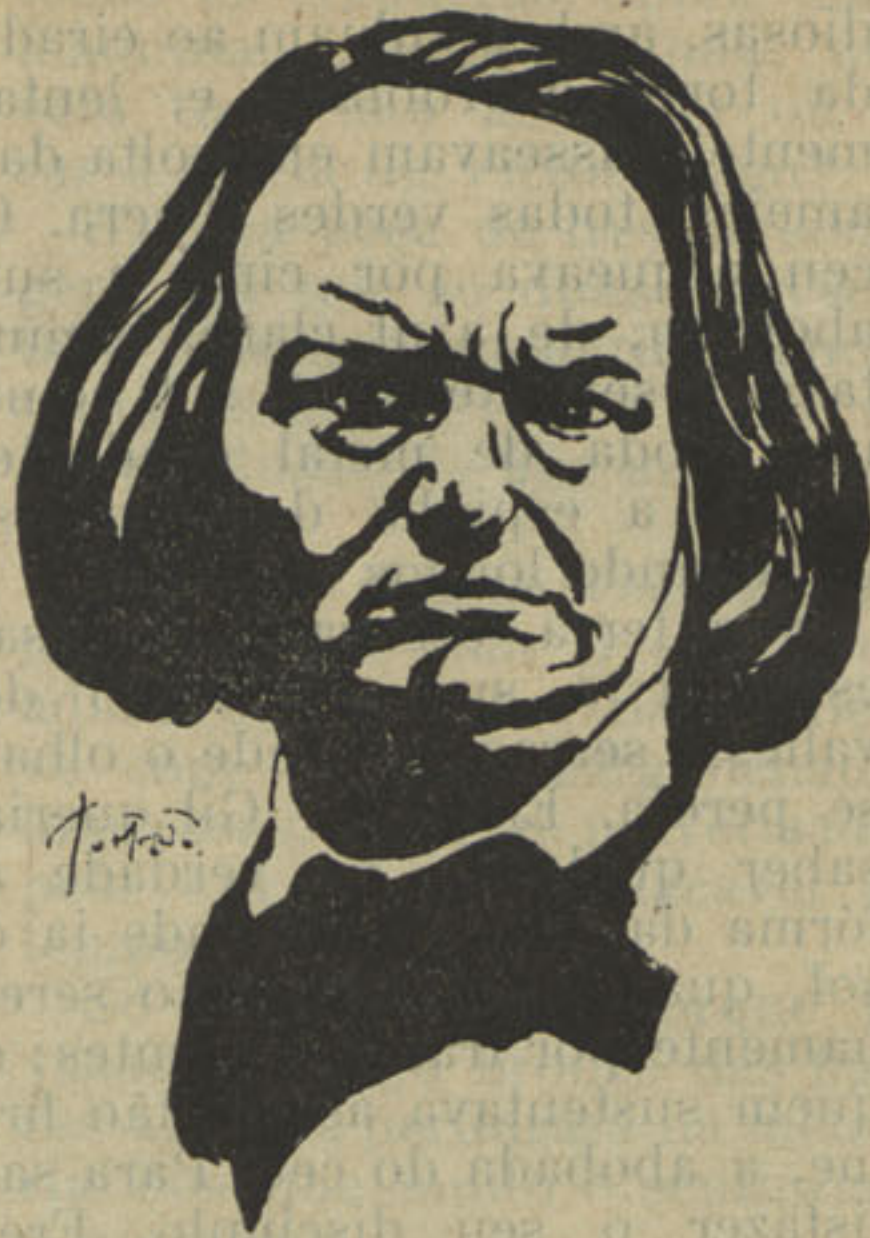
* * *

Depois, eu amo tanto a minha lingua, esta nossa querida lingua portuguêsa!—rica, modesta, rapida nos conceitos, evidente nos contrastes, ingenua para lirismos, nobre para epopeias, esquiva no dialogo, avolumada no discurso, vivaz na bôca do povo, e culta em escrita de humanistas;—eu amo tanto a minha lingua, que era meu regalo, depois de bem a lêr nos velhos mestres, apurada e saborosa, serena e fria, ir ouvi-la ao ar livre, por essas províncias fóra, á gente triste da borda-mar, á das serras, á dos povoados esconsos. Com que gôsto vou partir para a aprender—para a ouvir, arejada e leal, da bôca do povo, onde acodem termos incisivos e borbulham esbeltos modos de dizer, acertados pelo fáro do instinto ao dar explosão aos rebentos da alegria, ou ao estalar da dôr afflitiva que apunhala!

E hoje que, acompanhando a marcha de tudo, as linguas se transformam, porque necessidades, sempre crescentes, a isso as solicitam, essas locuções, essas fórmas, pela viveza e cambiantes de estructura, ajudam a acertar dizer, de maneira subtil e fórte, as coisas raras desta inquieta arte das idades exigentes. Se tal succede, a tradição ficará limpa; escorreito o estilo; e sempre honesta esta admiravel lingua trabalhada por letrados, é querida do povo.

* * *

Confio do ensino dos campos. Ah! fôra eu homem de lavoira que soubera ser homem de escrita, pois tenho para mim que, nesta linda terra de lavradores, melhor se aprende a fazer prosa vendo a relha do arado sulcar rêgos em belgas para milho; desbastar, a golpes certeiros e sonoros, um pinhal emmaranhado; ou bolear mêdas em leiras solhosas, que a lêr puristas.

Podesse eu escrever uma prosa frugal e solida—franca como as eiras, arejada como os espigueiros—irrompida da propria terra, com imagens diretamente insinuadas por ella, com rithmos tirados dos rithmos que nos dançam debaixo dos olhos: do do gesto abençoado do homem que semeia; do do rachador de lenha; do do cavador de enxada; a braçada do ceifador; o meigo andar peneirado da mulher caseira; o esbelto corre-corre da varina airosa que palmilha leguas de pó para ir vender, distante, o peixe fresquinho que se acama na sua canastra doirada! O rebentar da resina ao primeiro sol de Abril; o vento duro nos folhudos eucaliptos; a brisa no centeio; o fugir das aguas; o cachão das nascentes; o pingar dos ramos sobre folhas desilludidas pelo Novembro chuvoso, têm harmonias faceis que põem no ouvido a musica dos justos acordes. E' sóbrio o perfume da roupa branca a córar, e o do pão quente a sair do fôrno. A mancha anil dos pinhaes bravos, unida á dos chãos violaceos; a moita verde de um fresco carvalhido pôsto sobre céu retintamente azul, ensinam tonalidades que os gramaticos ignoram; como não ha, nos exemplos das selectas, modêlos de masculas elegáncias que valham esses subitos golpes vistos em terras escarpadas, brandidos pela mão potente da Natureza graciosa!

VICTOR HUGO em 1844
(Desenho de Jaime Cortesão.)

* * *

Só ha uma fórma de viagens: as viagens sentimentaes. Sentir e imaginar é viver. Na païsagem, a maxima nitidez de côres, o mais agudo recorte de linhas, não são, para a pupila do artista, senão vagos esbatimentos e muros de fumo onde a phantasia commovida vive baloiçadamente! A apparência é tecida de misterios: nos intersticios das coisas moram affectos e brinca a imaginação. A arte floresce no impreciso. A arte é a expressão bella da vida; e se a expressão de um olhar é inesgotavel assumpto, como o não será a expressão esthética de toda a existência?

* * *

Devia á minha terra esta romaria de emoção ás suas coisas lindas. Vou partir, para a vêr, vou á ligeira, sem malas civilizadas, sem livros instructivos, sem programmas antecipados. Livre, sómente uma condição me imponho:—ir só! Só, para que o meu sentimento busque companhia no sentir das coisas, lhe ponha o ouvido no peito, as prescrute, as penetre, e, ferindo-se nas suas maguas, as entenda!...

Antero de Figueiredo

MARÁNOS E O OUTOMNO

Vagueava, pela Serra, o frio Outomno,
Ermo Vulto de sombra e de humildade...
Seu halito de brisa embaciava
O limpido crystal da Claridade,
E a transparencia rôxo da Distancia,
E a propria Côr, irmã da Primavera,
Que as chimericas formas illusorias
Reveste de illusão e de chimera...

O Outomno vagueava pela Serra;
Nevoeiros agoirando, a neve, a chuva...
E atraz de si deixava, sobre a terra,
Pégadas de tristeza e de penumbra...
O Outomno andava errante... E as andorinhas
Iam fugindo e a luz enfraquecendo...
E os ribeiros mais limpidos se tornam,
Conforme os dias vão arrefecendo...
E mesmo o nosso espirito parece
Ganhar em claridade e concentrar-se,
Quando o nevoeiro as Formas escurece
E povôo de espectros a Paisagem

O Outomno andava errante, dando ás Cousas
Um ar espiritual, e destruindo
A côr e as sensações voluptuosas
Que o Abril acende até nas proprias árvores!
O Outomno andava errante... E o seu cabello
A's brisas ondulava... E a Deusa Céres,
Tendo, ao alto, na fronte, o Sete-estrêllo,
Marcava a meia noite dos amôres.

E no sêrro mais alto que emergia
Da nevoa branca e humida, Marános,
Na matutina luz cinzenta e fria,
Olhava um mar somnambulo de nevoas,
Onde os escuros pincaros formavam
Phantastico archipelago deserto...
E altas aguias, extaticas, pairavam
Tão alto, para além do proprio Outomno!
E Marános olhando a branca nevoa,
Sonho doce do mar, alli pousado,
Meditava: onde vae o sonho humano,
Quando de nós se afasta, já sonhado?...

Fica mais só, mais triste a nossa vida
A cada sonho, sim, que vae do mundo!
E a cada branca nuvem que se forma,
Sente-se mais salgado o mar profundo!...
E o mar não sabe, não, que existe alguem
Que vê, de perto, as nuvens que elle sonha,
Tão remotas, pairando já no além
Do inconstante viver das suas ondas!
Nem eu sei! Nem eu sei, quem pode ver
Os meus sonhados sonhos que se alongam
Para além d'esta vida, e que, de certo,
Indefinidamente se prolongam!...

E Marános assim, ao ver aquelle
Mar de nuvens, pensava... E dentro em pouco,
Formou-se um Vulto escuro, junto d'elle,
Irrompendo das brumas, vagamente...

E eis que o Outomno lhe falla: «O' bom amigo,
Não sabes quem eu sou? Dá-me o teu braço!
Atravez d'estes pincaros comtigo
Quero viver em doce companhia...
Não sei porque deixaste a bôa terra
Dos pinheiraes sombrios, onde eu sou
Mais bello ainda, sim, que n'esta Serra:
Ermo altar com a imagem do Silencio...

«Eu amo, sobre tudo, os arvoredos
Que a minha grã tristeza veste de oiro!
E aqui, como tu vês, ha só rochedos
Insensiveis á propria Primavera.
Não sei porque deixaste a comovida,
Fertil terra do Valle, onde me visto
Da côr que o anoitecer da luz da vida
Põe no rosto confuso das florestas...
Lá onde eu sou jardim abandonado
Com ruinas de fontes e cascatas,
Onde vagueia a sombra do Passado
Sobre folhagens mortas que esvoaçam...
E onde eu sou a dramatica nudez
De femininos troncos ainda virgens;
E a árvore já mulher, na viuvez
Em que a deixou, fugindo, o claro Abril!
E com materno amor, ainda sustenta
Fructos orfãos caindo como lagrimas,
Quando a manhã, já humida e cinzenta,
Com suas mãos de brisa agita os ramos...»

E Marános: «Eu amo a Serra e o Mar;
Sou como a Lua e como a nevoa... Eu amo
As ondas em seu liquido anciar
E terrea densidade do seu extase...
Se têm a vossa forma, ó verdes ondas,
Os seios da Mulher, a aza e o vento:
Em onda o riso sobe e cáe a lagrima;
E' onda o olhar, a luz, o pensamento...
Ondas do mesmo mar que é Deus, emfim;
Grande mar onde é apenas gotta de agua
O sol, e branda espuma a Via Lactea,
E alta maré meu sonho e minha magua!...»

E como distrahido, assim dizia
Marános; e o Outomno derramava
Doce penumbra de melancolia
Na onda da sua voz harmoniosa...
E tinha um ar humano de quem ouve,
E uma tristeza humana, quasi amor;
E seus olhos azues representavam
A divina tragedia do sol-pôr.

. . . .

(Do canto VIII do livro Marános, a sair brevemente.)

Teixeira de Pascoaes

DÉBUSSY
e o débussysmo

A França de hoje afirma-nos na musica uma nova corrente idealista, impondo-a á admiração de estranhos como uma obra profunda que domine seculos, entre o aplauso geral, e sobretudo entre o fanatismo dessa *élite* francêsa olheirenta e feminil, que Jean Lorrain envolveu curiosamente numa palavra arrancada ao débussysmo — *pelléastres*.

O que é o débussysmo, — e o que pretende Claude Débussy e a sua gente?

A anályse dos documentos que nos chegam dessa *escóla* (chamêmos-lhe por emquanto assim) indicam-nos um parallelismo muito completo entre o seu chefe e Maeterlinck; essa coincidencia inteira chega ao ponto de residir na technica, transportando á musica o processo do dramaturgo.

Antes de mais, é preciso dizer que a parte da obra de Maeterlinck, onde o débussysmo parece beber a inspiração, não é neste momento considerada pelo poeta belga a expressão da sua actividade. O notavel tragico, que já Mirbeau chamou o Shakspeare de Gand, considera a obra dramatica compilada sob o titulo geral de *Théatre*, conjunctamente com o *Serres Chaudes*, uma curva da sua vida que veiu a dar a serena contemplação de agora; e Mme. Georgette Leblanc-Maeterlinck, na introdução a uma recente anthologia de seu marido, sente-se contente de o frisar.

Claude Débussy, já nas fontes, já no proprio detalhe technico, não se cança de mostrar a identidade dos dois espiritos, e de a provar usando de eguaes processos. O critério da commoção immediata parece de facto dominar toda a sua musica, que porventura poderiamos definir — uma serie de manchas musicaes, succedendo-se, provocando portanto no ouvinte impressões momentaneas e sempre novas.

Chegamos assim a um impressionismo pleno, em que a emoção reside propriamente no momento expresso. Desta fórma, como em Maeterlinck o trama intimo é sempre menosprezado, em favor da commoção immediata acordada pela phrase ou pelo agrupamento de factos em certo momento, — a linha melodica fica prejudicada, chegando por vezes a desaparecer debaixo do vinco harmonico.

A harmonia débussysta tem porventura sentido lógico e definido na evolução da arte? Eis a primeira dúvida. Neste momento o critico apenas poderá encarar este caso com olhos intellectuaes: pois não se trata duma fórmula emocional que resida já na consciencia do público.

Mas realmente o débussysmo corresponde a uma necessidade mental da época? Dum lado, o mysticismo melancólico e por vezes tragico que identifica Débussy e Maeterlinck parece destruir esta hypothese, para apenas nos deixar ficar uma expressão idealista em demanda da verdade. Sucéde mesmo que os impressionistas francêses, que erguêram á chefia Débussy, não deixam de procurar a fonte poetica da sua música nos mysticos de 90; Gabriel Grovlez, que é dos mais novos compositores da escola, lá vai pedir a Verlaine o segredo fecundo da sua poesia, — o que parece indicar que o débussysmo não póde viver sem Verlaine e Maeterlinck...

Por outro lado, este movimento terá porventura antecedentes, e a ligação de certos factos talvez dê a conclusão de que elle ha mais tempo se esboça. Alguns adeptos procuram filiá-lo em Moussorgsky; mas o meu restricto conhecimento do autôr do *Boris Goudonov* não me deixa manifestar a tal respeito. Um recentissimo programma da Salla Gaveau (16 de janeiro de 1911) inscreve três trechos de Erik Satie, e afirma-o um genial precursor de todo o movimento modernista, atribuindo um cunho quasi prophetico a certas expressões harmonicas. Assim, as obras de Erik Satie teriam exercido uma influência consideravel sobre os impressionistas musicaes da França; e porventura o isolamento das suas fórmulas expressivas passaria despercebido aos olhos do grande público, para só agora aparecer em plena nitidez. O facto é que Claude Débussy fez executar as suas *Gymnospédies*, orchestrando-as elle mesmo, — e Maurice Ravel executou tambem a *2me. Sarabande* de Satie, publicada ha mais de vinte annos.

Evidentemente, trata-se de uma reação contra a antiga technica musical que attinge a sua definitiva e ultima expressão com a obra de Wagner, — reação contra todos os moldes, contra todos os processos e toda a technica preestabelecida. Mas não esqueçâmos que Richard Strauss (a cuja figura musical ninguem pretenderá disputar a primazia neste momento), na sua segunda phase, tomou por assento analogo ao dos impressionistas francêses, — com a diferença enorme que Strauss é sempre um polyphonista, cheio de inéditas riquezas, emquanto Débussy apenas procura na harmonia a emoção immediata, sucedida por emoções diferentes, — harmonia inteiramente sôlta, liberta do encadeamento lógico da antiga harmonia.

Trata-se dum movimento serio? Se é prematuro atirar pedras ao débussysmo, mais prematuro ainda é dizer que sim, — embora o seu parallelismo litterario nos indique o primeiro caminho. Do que evidentemente se trata é duma expressão idealista da nossa época, — e tanto basta para invocar este documento.

Pretende o impressionismo musical assumir pela sua technica o caracter synthetico que se reclama para a arte moderna? Assim o afirmam os seus compositôres, atribuindo á marcha harmonica esse papel, e considerando a musica de Débussy a base dum triumpho que vêem perto.

Mas uma pergunta se alevanta logo: — porque vam pedir a inspiração duma obra tam largamente expressiva a individualidades cuja significação reside fundamentalmente em si-mesmas, e cuja obra nunca poderá considerar-se expressôra de ideias geraes? Beaudelaire e Verlaine, Maeterlinck e Bataille têem monopolizado o fornecimento emotivo dos modernos compositôres francêses: o nosso moço e talentoso compositor Freitas Branco vai pedir aos *Petits poèmes en prose* assumpto para as suas manchas.

O que me parece poder concluir com inteira verdade é que o movimento musical francês do momento presente corresponde ao movimento impressionista na pintura, na esculptura e na litteratura. Porque se deu só agora na musica? Porventura porque a definição ultima da technica musical só mais tarde se fez, no aplauso unanime de Beethoven e Wagner, — talvez porque a musica pelo seu caracter vago empresta mais resistencia ás fórmulas transitórias que sam sempre as fórmulas impressionistas, dando logar a todo o instante a fórmulas mais perfeitas.

Depois, não esqueçâmos que é o Maeterlinck da *Serres Chaudes* e do *Théatre*, das traduções dos mysticos, de Ruysbroeck o Admiravel e de Novalis, a fonte de Castalia do movimento; que sam sempre os isolados que fornecem os seus fundos emotivos, num parallelismo de processos que ha-de necessariamente ter logar desde que a musica se ha-de justapôr á poesia, e desde que esses individuos sam casos litterarios izola-

Os Colaboradores d'A ÁGUIA

Mário Beirão
(Desenho de Cristiano Cruz.)

Do "Intermezzo,, de Heine

Das lagrimas choradas por meus olhos
nasceram mólhos
de flores brilhantes.

E dos meus longos ais tão suspirados
nasceram coros alados
de roussinoes chilreantes...

Se tu me tiveres amor
só para ti será tanta flor bela,
e cantar-te-á, diante da janela,
dos roussinoes o carme incantador!

Affonso Lopes Vieira

dos com a sua technica consequentemente especial. Se repararmos nos impressionistas da pintura, de Gabriel-Rossetti a Hol-man-Hunt, encontrarêmos o mesmo caracter mystico, que a musica torna mais vago que a imprecisão das tintas. O proprio Ruskin, nas *Lectures one Art,* eleva ao supremo grau esse enternecido religiosismo, tocado de mysticismo brando, — apezar de encarar os problemas como critico. E verêmos que o cunho fundamental do impressionismo, em qualquer aspecto que o considerêmos, é sempre um banho vago de mysticismo, amornando os tons, embalando o público.

A causa deste facto geral não estará ainda na nossa vida diluida, na fallencia do positivismo?

Creio bem que sim. E a encararmos desta fórma o *débussysmo,* unica que me parece lógica e scientifica, elle será um dos aspectos impressivos do nosso momento transitório, em demanda do San-Graal dum ideal novo, — da arte synthetica para onde caminhâmos.

O critico terá assim de o aplaudir, com o carinho com que se recebem as bôas-vontades, e a sinceridade com que se olham novos horizontes por detraz dos quaes se presentem perspectivas inéditas. Attingidas ellas, — os aspectos desses horizontes nunca mais lembrarám.

O débussysmo parece-me ter essa utilidade e essa vida ephémera.

Brevissimas consideraçois sôbre "A phisionomia das palavras,,

Oh! Ceus! Quem diria que num despretencioso artiguito, expondo a minha humilde opinião, eu provocaria dois admiraveis artigos sôbre o modo de ortografar as palavras! E como o ilustrado redactôr quis honrar-me com a réplica, não dum, mas desde logo de dois dos seus mais distintos e autorizados colaboradores!

Pois o caso não era para tanto.

Cumpre-me dizer agora da minha justiça.

Dizer...... mas o quê?! Por ventura poderei acompanhar o sr. Pascoais no terreno para que levou a *questão* (se tal nome merece)? Impossivel. Confesso franca e injenuamente que não compreendo a possibilidade de «estabelecer-se uma ortografia definida» seguindo apenas «um critério biolójico e estético».

Confesso a minha ignorância sôbre o verdadeiro sentido da «expressão interior e psíquica» das palavras, sôbre o que seja o seu «sebastianismo», a sua «criminalidade»... e outros predicados altisonantes e, a meu ver, enigmáticos e algo estrambóticos.

Na minha idade ja é dificil aprender a distinguir uma sílaba «feita de sombra» doutra sílaba «feita de luz», as quais reünidas possuam o superfino condão de dar «realmente a luz difusa, o luar...».

Deixe-se a compreensão de tais e tam etéreas maravilhas às forças dos novos e intelijência dos atilados.

E demais, como atinjir o «critério biolójico e estético» para determinar e especificar quais os vocábulos em que, ao contrário do uso e do rigôr etimolójico (como se dá nos dois vocábulos apontados — *lágrima,* do lat. *lacrima,* e *abismo,* do lat. v. *abismus,* por *abissimus),* se deva empregar em vez dum *i* um *y* «lacrimal» ou um *y* que dê ao vocábulo «profundidade, escuridão, mistério...»? Pelo facto daqueles dois vocábulos se escreverem, por ex., em fr. *larme* e *abîme,* no ital. *lagrima* e *abisso,* e em esp. *lagrima* e *abismo,* por êsse facto, repito, perdem nestes idiomas «a harmonia entre a sua expressão gráfica ou plástica e a sua expressão psicolójica»? e deixarám de ter «profundidade, escuridão, mistério»? e ofenderám «as regras da Estética»?!...

Quem diria que êste século da radiografia, da telegrafia sem fios, e de tantas descobertas maravilhosas havia de ser também assinalado pela descoberta de que «o *h* traduz o enigma da Existéncia» no verbo *haver,* e o «enigma do tempo nas palavras *hontem, hora, hoje*»?

Utilidade na prática: às crianças ensine-se a escrever sempre *fantasma* (com *f)* para não ter o «aspecto espectral e misterioso» que lhe comunica o *ph;* aos católicos e mais pessoas relijiosas não seja permitido nunca escrever *Theolojia* sem o cabalístico e precioso *h,* a fim de não perder o «seu sinal de transcendência divina».

Francamente, sr. Pascoais: tudo isto que escreveu foi a sério e conscienciosamente? Ou foi apenas uma nova manifestação do seu talento, que é assombroso, e do seu vasto saber, que ninguém pode contestar? Deve ser a segunda hipótese, à certa, sem embargo de nada haver que me autorize a pôr, sequer, em dúvida a seriedade e nobreza de caráter do sr. Pascoais.

E antes assim seja; que não va alguém mal intencionado alcunhar de *nefelibata* êste prodijioso sistema ortográfico... *dernier cri* da arte de bem escrever.

* * *

Estou plenamente de acôrdo com o sr. Proença neste ponto: nunca fiz, nem faço, parte de qualquer «rebanho literário de Panurgo», e também tenho «um ódio nítido à imposição, ao dogma...».

A «autoridade» sei respeitá-la; o autoritarismo sempre o repeli e combati.

No que porém não me posso avir com o erudito e abalisado escritor, ou por outra, o que o meu acanhado e rude intelecto não alcança, sam as regras que segue para desprezar a uniformidade, a coerência no modo de ortografar; por que motivos proscreve o uso do *ph* e *th*, escrevendo *filósofo*, *ortografia*, etc., e emprega o mesmo *th* e o *ch (k)* em *thermo-chimica*; por que simplifica a ortografia (empregando so uma consoante) em *colaboração*, *aquela*, *ilustre*, *ocupar*, *indiferente*, etc., e noutros vocábulos conserva a duplicação (*Vianna*, *commum*, *summa*, *bella*, etc.); por que emprega etimolojicamente o *z* em *tristeza*, *grandeza*, etc., e o despreza, substituindo-o por *s* em *horisonte*, ou empregando-o em vez de *s* etimolójico (como em *usar*, *pusemos*) em *pezasse*, *aza*, *prêzas*, etc.?

Responder-me ha talvez que não ha regras fixas, que a ortografia de tais palavras é *arbitrária*. Seja assim. Nesse caso poderia o sr. Proença ter escrito (sem que merecesse reparos ou censuras), por ex.:

Meu ccaro Allvaro Pintto

Nu 1.º numero da agia inceria o meo ammigo huma nopta onde disia que, a nãu cer que o auttor indiqace.....

É quem assim escrevesse podia altivamente proclamar que não se curvava perante a autoridade de filósofos «numa subserviência de imbecis»!

Não estamos de acôrdo nesta orientação.

E dou por encerrado o incidente... neste campo para onde os meus distintíssimos *adversários* quiseram arrastar-me.

S. João do Campo, 2-2-911.

A. A. Cortesão

CAMPOS ELÍSEOS

....

Na constancia divina da paisagem
Em que eu ondeio, e sinto, e escuto, e vejo,
Dilúe-se o bramir duma voragem
Com o silencio extatico dum beijo...

E ruidos, aspétos, aparencias,
Nestes Campos Elíseos encantados,
Imagens, gritos, cantos, existencias,
Pairam em luz divina, extasiados.

E na mudez idílica, inefavel,
Da paisagem profunda, enternecida,
—Religiosa, calma, admiravel, —
Abre-se a flôr da verdadeira Vida!

É o seu perfume etéreo que me fala,
E sonha brilha e vê no meu olhar,
É o seu alto perfume que me embala
Como os murmurios dum longinquo Mar...

É o seu perfume que me envolve e cega
O olhar de luz e de revelações,
E, em espiraes immensas, sobe e chega
Ao céu nevoento e alto das Visões...

É o seu perfume, — que penetra e abraça, —
Pelo infinito, pelo céu disperso,
Que vai ungir de comoção e graça
O coração divino do Universo...

É o seu perfume que o sentir dos Poetas
Adivinha e transforma em emoção;
Que anima de sentir as formas quietas
E as divinisa em pura devoção...

É o seu perfume, em infinitas rondas
Transparentes, diáfanas, sem fim,
Que murmura e me embala como as ondas
Do Mar immenso que murmura em mim...

—O sentido da Vida, aquel' perfume!...
—Clarão longinquo a irradiar no escuro,
E em que a Vida se expande e se resume
E o Passado se funde no Futuro...

—O sentido da Vida, a Vida immensa,
—A elevação da Vida para Deus,
Alto olhar em que o Mundo se condensa,
Luz de misterio a fecundar os céus!...

....

(Do livro A Evocação da Vida.)

Coimbra, 1910.

Augusto Casimiro

Os Colaboradores d'A ÁGUIA

António Sérjio
(Desenho de Jaime Cortesão.)

NIAGARA

Fóge Niagara ao Erié, o lago tempestuoso, e precipita-se na abundancia do profundo Ontario, quando lhe surge a Cabra, a ilha, que tudo faz por detê-lo, enfeitiçá-lo com suas graças e donaires. Elle esquiva-se-lhe, furta-se-lhe, escapa-se-lhe, e, correndo sempre, vem a prostrar-se, vencido do cançaço, ao redor das Mil Ilhas que o surprehendem na fuga e o enleiam, tornando-o por sua vez o lago de deleitosas margens onde se ficam banhando.

Quando a primeira das Mil, avançando-se ás outras, ao caminho lhe sae, julgando ter força ou artes de para si só o guardar, Niagara desenvencilha-se, desprende-se, e deixa-lhe nas mãos o manto immenso de suas aguas. E é no instante em que ella, mais anciosa que a mulher de Putifar, o vê mergulhar e sumir-se no abismo, e toda se debulha em choros de eterno desconsolo, que a scena excede o que é possivel contar.

Já de muito longe, quando ainda à espessura dos arvoredos nos não deixou perceber a visinhança das aguas, se vem ouvindo o estrepito d'ellas.

E' um grosso ruido marulhento, monotono e contínuo, sem modificação e sem descanço, crescente ao passo que se encurta a distancia a que vamos ficando no caminhar-lhe para a origem.

O espectaculo do turbilhão mostra-se de subito, quando o fragôr nos ensurdece e a imponencia do theatro nos immobilisa, deixando só o sentido dos olhos acurado para o gôso de tanta magnitude.

E'-se lançado ao contacto prodigioso de uma força que só não é tremebunda por se expandir tão bella.

O impeto da corrente insubjugavel vem arremessando as ondas tumultuosas como num louco escoar de diluvio biblico. Mas ao chegarem á borda do abismo, onde hão-de despenhar-se, as ondas como que tentam resistir ao destino que as traz á quéda, um como que ignorado instincto mais as agglomera e cerra, agita-as em turbilhão, quando já só o retrocesso poderia evitar-lhes o despenhadeiro abrupto.

Convulsionadas, umas ás outras se abraçam, se entrelaçam, e assim se deixam então desabar em avalanche, ululando, espumando, as jubas desgrenhadas... Batendo e quebrando-se de escarpa em escarpa, raivando agora contra o estorvo das rochas, dir-se-ia animá-las não sei que angustiosa emulação no mais depressa se desfazerem umas que as outras. E tudo é procurarem rasgar-se nas arêstas, e reduzirem-se a flócos, que já por fim não são mais que uma pulverisação, um fumo!

Como que se assiste ao auge de um cataclismo que Neptuno, elle proprio, houvesse improvisado para deslumbrar Amphitrite com o seu muito poder de imaginoso deus pagão.

De mais em mais se encrespam em desordenados redemoinhos as vagas, precipitando-se contra o rochedo oscilante. As *volutas*, que a velocidade rija da corrente cáva sobre um insondavel fundo de tréva, amontoam-se, ennovelam-se por perspectivas que não têm fim, e já a imaginação, a querer fazer-nos vêr mais que aquillo que os olhos vêem, cria, ergue, desdobra na movediça estrada das aguas, rolando para nós, debandados cortejos de vultos a que o desvario pôz azas, e que, subito a subito, rompendo clarões, perpassam em correria, cascalhando e fazendo chispar malhas de armaduras, elmos, gladios, como relampagos de prata lactescente e aço, sob uma luz baixa de sol baço espadelando as aguas glaucas.

Já então se apoderou de nós o espasmo de tanta força e tanta majestade; e do estridôr supremo da torrente que não estanca, como o profundo vozear de um mundo de deuses portentosos, rolando em quebradas rithmicas do infinito para o infinito, parece que se côa e nos penetra prolongadamente a musica de uma paz immensa, uma melopéa de repouso e bemaventurança, a retumbar de seguida, por derramamentos sonoros que as distancias vam cadenciando e esbatendo nas cercanias de floresta, que fazem do horisonte um dilatado e opaco bloqueio de fronde fulva, verde, sanguinea.

Tão raro esplendor de força insubjugavel, que os primeiros pelles-vermelhas esgueirados de outros bosques, tiveram por mansão do Grande Espirito, havia de excitar, mais que certo, nos pelles-vermelhas ultimos, ou *yankees*, a cobiça de a dominar e conduzir ao serviço de sua ambição sempre atrevida.

A' penosa viajem emprehendida a principio só para o desfructe do espectaculo da natureza expansiva, não tardou que succedesse a tentativa do animo emprezario, pesquizando campo de exploração, intromettendo a industria onde apenas se insinuara a poesia.

E as cataractas do Niagara foram a fonte descommunal de energia electrica, capaz de fornecer a força e a luz a uma região immensa, por onde logo se distribuiam nucleos novos de vida civilisada e laboração enriquecedora.

Os poetas chamaram vandalismo a esta pratica utilisação de uma maravilha que queriam vêr na posse absoluta e eterna da natureza, na sua solidão selvagem; mas foram os primeiros a utilisar-se das commodidades que a vida passou a offerecer-lhes a um curto raio de vizinhança do abismo onde se despenham as avalanches do Niagara.

E' que os poetas, afinal, não têm uma alma tão complexa como muita gente imagina, e transigem por via de regra, sem

SONETO

Ah! não ser eu o ar que respirasses,
A luz que o teu olhar anima e exalta,
E não ser o tesoiro em que encontrasses
Toda a Beleza e gloria que me falta!...

Não ser eu o teu sangue, a tua vida
Harmoniosa e clara palpitando,
Tanto em ti me perdendo e abandonando
Que toda em ti ficasse absorvida!...

Não ser eu a serêna melodia
Que floresce na calma, na alegria
Da tua sêde virginal de amar!...

Ah! não ter mais que um desespêro mudo,
No desespêro de te dizer tudo,
De me dar toda, sem me poder dar!

Lisboa, 1911.

Maria de Castro.

muito se fazerem rogados, com estas boas coisas correntes que são a chamada prosa da vida: dormir numa boa cama, comer um bom jantar, passear numa boa carruagem. Estou mesmo em dïzer que se elles não tivessem a certeza de vir encontrar tão perto do Niagara os confortaveis albergues e os bons meios de transporte a que andam habituados, e que não dispensariam por coisa alguma d'este mundo nem mesmo no cimo do Parnaso — não viriam cá!

(Do livro A AMÉRICA DO NORTE, a imprimir-se.)

NOSTALJIA

(ESCERTO)

. . . .

Errava sempre. Vagabundeava, na perpétua meditação de tudo. Adorava o cántico das águas e trazia lá dentro do peito uma paixão ardente pelas madrugadas. Fizera-se-lhe a alma com sonho; sentia que do coração lhe estava sempre a desabrochar uma primavera toda de flores, auroras e astros. Pelo dia era amante do sol; á noite rezava idílios com a lua. E só bebia no murmúrio cariciante das correntes; e só tirava ás árvores dos caminhos e á terra das leiras fecundas o sustento do seu corpo diáfano.

Um dia, de luz mais forte e pressão mais alta, parou á beira dum abismo. Lánguidamente, como em transportes de volúpia, deixou correr o preguiçoso olhar pelos lonjes da serra. Os cimos eram nevados e té as tenras ramajens tinham alventes cãs de velhinhas. A fumarada dos casais esvaía-se a medo; os cães do vale latiam com submissão e inquietamento. No dia anterior haviam descido os lobos e esfacelado um pobre zagalo...

Em frente, sobre os cumes mais pertos do ceu pousavam águias. Viu-se que uma ergueu o vôo, pairou sobre o abismo, desceu com ímpeto e voltou ao poiso com ensangüentada presa. Para dentro do precipício, tombara um grito dilacerante. Lá ficou uivando a dor e o luto, a frialdade e a sombra.

Voltou a primavera, com dilúvios de sol perfumado. Outra águia parou á beira do abismo. Contemplava tambem os píncaros da sua morada. E um tiro lhe varou o peito. Afundou-se na treva. Mas um fio d'água, nascido duma gota de sangue, viuvo de carinhos, de ar e de liberdade, deu-lhe alento e foi fraterno. Tornou a subir a águia ferida. Chamou os seus e contou-lhes. A outra águia lembrou-se. E, d'ahi por diante, ao cair da tarde, no silêncio relijioso dos crepúsculos, a todas levava a ciciar súplicas de perdão em volta do precipício.

Pouco e pouco a fonte foi subindo, cada vez para mais alto. Reflectia já os beijos do sol e deu-se a inundar a terra com frescuras e suavidades de mãe. E as águias vinham beber-lhe as dádivas cristalinas. E, assim transformada, a fonte errava sempre, na perpétua meditação de tudo.

. . . .

Funchal, 1909

Alvaro Pinto.

OUTONO

Estamos nas agonias do estio. Já o outôno ensaia abrir a sua pupila côr de cinza, elanguescente.

O vento nas arvores tem o ritmo magnetico das grandes paixões... e vão cahindo — silhuetas fugaces d'oiro velho — os vagabundos corações das folhas; pelos campos, entre os apêlos sonambulos da noite, é uma quéda em voz baixa, um chôro japonizando d'enigmas as catalepticas negridões, dirieis uma ária nostalgica de renuncia que as arvores — sêres de febre — fossem gemendo pela sensitividade trémula dos ramos, nas vesperas de se librarem, hieraticas e nuas como dryades, ao sagrado misterio das nupcias hibernaes; — e erratica, perturbante, intensa, barbara, de cuja essencia afflicta parece revolutearem espectros de quantas inenarraveis angustias! resumos d'um seculo de nervos, convulsivo: de bôcas murchas que se oferecem ainda para a ultima comunhão dum beijo, de braços subitamente paralisados para a victoria ruiva dos abraços, d'aguias reaes moribundas fitando os cimos que nunca mais irão cortar com o punhal frenetico das azas, de corceis esbeltos que tropeçam entre o pó d'oiro dos hipódromos e escutam aplaudir os outros contendores, do vazio d'orbitas, aonde dantes vinham espreitar olhos veludosos de vinho, olhos elanguescentes dignos de serem de mulher, reflectindo a perversidade auroreal de ephebos juvenis — extases de carne exangue, onde os nervos teem predominio sobre os musculos e a pelle guarda qualquer coisa da chamma rósea dum glôbo e do branco *clair-de-lunado* de pétala de camelia dentro d'agua... belos, dessa beleza sonhante, sensibilissima, neuropatisada das paisagens da Escocia sobre que poisa um sol em surdina, dir-se-hia decomposto atravez dum store de seda violeta, como filtrado por um soffrimento, tanto a sombra delle parece morder no solo lagunas de carvão endolorido.

Foram-se os crepusculos d'agosto, crepusculos atrabiliarios da cidade, que parece que se revolvem em sangue como os sacerdotes possessos de Bellona.

Agora os poentes apresentam todas as nuances phantasiosas das velhas tapeçarias. E' um hymnario pictórico que vae do côr de rosa meigo, riso matutino de creança, ao rôxo opacento, cabochão de mitra arcebispal, o rôxo em que se comprazia no emmurche-

Carvalho velho no logar da Água Férrea
Tapada de Mafra.

(Desenho de Cervantes de Haro.)

cer da existencia o olho de Deschamps, já morbidisado de fadiga.

Soluços vagos estilhaçam-se no ar, no ar que tão soberanamente puro, que de tão immortalmente calmo faz reportar a memoria ás origens da India — panthera humana da superstição —, quando elle era um deus vago e hospitaleiro dos hymnos védicos.

Eis a hora de Beethoven, amadornando as populações que abafam nas suas roupas asphixicas de cobiça; hora lilaz... em que os burguezes aspiram as vidas isóchronas de pendulo e os artistas, os hypernervosos, escutam remorder nos musculos a febre alucinatoria dos amores estereis; hora em que nas fundas alamedas dos parques as arvores ogivam attitudes de préce, apaziguadas já das inquietações coreicas em que esfuriavam minutos atraz; e nos grandes olhos de gomma vitrea das lagôas se estréla o presentimento fatidico da *canção do salgueiro* — como Desdémonas afflictas, estagnadas no terror da sombra que escorrêga pelos troncos, maligna, ressumando morte, se insinua aos dorsos das raizes, vem-se fundindo á terra, traiçoeira, té que se revéla emfim, em *travestis* de Othelo vingador, sob o riso falso e frio dos mochos — almas d'Iagos.

...Uma estrela scintila com nevroses de caracter todo contemporaneo, como esses primeiros extases de sons que nas partituras antecedem a graça móbil e noturna das symphonias.

...e a tarde cada vez mais se achega, com arrepios de tuberculose, o seu manto cristianissimo da noite, tocado da nevróse goetheana de *licht, meher licht*... as sombras andam sonambulas fluidificando as coisas, dando aos *carvões* dos predios-carceres uma alma latente de desesperos.

E quando, subito, nos candieiros do dia a luz irrompe, tem-se a sensação dum grito, colossal, estrangulado, angustioso, que perturbasse um profundo silencio.

1908.

Carlos Parreira.

FICHTE

e o renascimento allemão

Fichte foi um grande philosopho allemão mas foi muito principalmente um *homem*, isto é: um ser animado d'um ideal superior sacrificando a propria vida para o realisar.

A Allemanha do tempo de Fichte rastejava sem unidade politica e sem unidade moral, abandonada ao acaso dos acontecimentos europeus, fraca, desprestigiada, vacillante entre a Prussia e a Austria. Foi então que as hostes avassaladoras de Napoleão fizeram a sua entrada triumphal na velha Germania. A Prussia, enfraquecida pelos tibios governos de Frederico Guilherme II e de Frederico Guilherme III, abalançou-se, contudo, presumptuosamente a resistir á marcha victoriosa do invasor. Surgiu Iena: o rei prussiano é vencido, Napoleão entra em Berlim triumphante; é aclamado enquanto os sinos repicam festivos e a nação abdica.

Foi no meio d'esta usurpação estrangeira acceita, da indifferença geral, que Fichte lançou os seus *Discursos á nação allemã* como desafio supremo ao brio da patria. A queda da Allemanha, dizia elle, não foi causada pela superioridade do inimigo, mas pelo enfraquecimento do caracter nacional, pelo egoismo das classes dirigentes, pela admiração cega e pela imitação inconsiderada do estrangeiro. O remedio está numa educação viril que retempera as almas e inspira o espirito de sacrificio. Desde então não descançou da tarefa grandiloqua de collaborar no resurgimento da liberdade moral e politica da terra germanica. Ajudado por Guilherme Schlegel, recorreu a conferencias sobre arte e philosophia e lançou mão de todos os meios para despertar a apathia dos dirigentes.

As sementes assim lançadas começaram a germinar, um sentimento até então latente e encubado irradiou, afinal. Em 1810, tres annos depois de Iena, na propria face do usurpador, era inaugurada em Berlim uma universidade. Impellido pelo sentimento de reacção que surgia, o Estado prussiano comprehendera emfim que só uma Universidade fortemente organisada, consciente da sua missão, poderia levantar a Prussia, dar-lhe a hegemonia na Allemanha, preparar a patria allemã. Frederico Guilherme, dissera: «E' necessario que o Estado supplante pelas forças moraes o que perdeu em forças physicas». Fichte é nomeado professor da Universidade e então ahi a sua acção incide energicamente, despertando muitissimo o enthusiasmo da mocidade. A obra acelerava-se: em breve um levantamento geral contra os francezes, fez estremecer a Allemanha inteira. A mocidade vibrava emfim por uma ideia superior: a patria; ao lado do povo e do exercito sacrificou por ella a sua vida. Surgiu finalmente Leipzig e com essa victoria, a libertação das terras germanicas do dominio francez. A marcha então para o renascimento da Allemanha, forte e unida, tornou-se vertiginosa. A Prussia, robustecida pela sua Universidade, preparava as gerações futuras d'onde sahiram mais tarde os politicos, os historiadores, os educadores que influindo nas camadas baixas da sociedade pelo professor primario e pelo padre, haviam de formar a Germania robusta e sábia que esmagaria a França em Sedan e proclamaria a sua unidade em Versailles. E tudo isto se não foi a obra de Fichte, deveu-lhe contudo muitissimo. Fichte, nos seus extraordinarios *Discursos á nação allemã*, nos esforços praticados em prol da fundação da Universidade de Berlim, na acção ahi exercida, deu inegavelmente o primeiro impulso ao conjuncto de sentimentos

superiores, que brotavam indecisos e dispersos na alma germanica. Elle prova assim, pelo exemplo da sua vida, pela obra realisada, quanto vale o trabalho posto ao serviço d'um ideal superior e quanto d'este modo o homem tem uma razão de ser, quanto perde todo o seu sentido humano, entregando-se á conquista apenas de méros interesses proprios que lhes dão uma existencia talvez socegada mas moralmente inferior, humanamente nulla.

Actuar, eis o fundamento de toda a vida e de toda a philosophia de Fichte, eis o dever de todo o homem que pertence a uma sociedade atrazada e decadente; actuar livremente, actuar conscientemente, actuar moralmente—eis a verdadeira funcção humana.

Reis Machado

BIBLIOGRAFIA

A Victoria do Homem — AUGUSTO CASIMIRO — Coimbra, 1910.

Nota-se que os poetas mudam de rumo e trocam os jardins romanticos e os mórbidos sentimentalismos de outr'ora pelas fortes realidades modernas, experimentando, por ventura, a necessidade que o bom Voltaire já denunciava no seu tempo,—a de serem simultaneamente filosofos. Por outras palavras: o poeta, saturado de sonho, deixa de ser o pagem submisso e prompto da *folle du logis*, «uma imaginação servida por orgãos», um feixe de cordas harmoniosas vibrando á inconstancia de todos os ventos, para voltar ao que foi primitivamente, o cantor, o músico enternecido da ideia, o proféta e o apostolo das altas reivindicações.

Augusto Casimiro, revela-o á saciedade no seu livro cujo titulo epigráfa este artigo, numa excelente edição da Livraria Moderna de Coimbra. A arte tem para ele a dupla finalidade inscripta no velho preceito de Horacio. Em versos de uma segurissima technica e de uma musicalidade perfeita, ele nos desvenda os horisontes da sua visão mental, visão da vida, grandiosa e limpida que póde traduzir-se pelo dogma budhista: «Não ha senão uma alma,—alma universal que é o espirito de Deus ou o proprio Amor. O espaço, o ar, a terra e o mar, os animaes, as plantas, os astros e os perfumes, tudo isto é o Amor, sam os aspetos que o Amor reveste.»

E por isso o poeta procura, particúla consciente na alma difusa do Universo, solicitado por obscuras e longinquas afinidades, os segredos inviolaveis da existencia, os mistérios da ascenção dolorosa que vai da matéria amórfa ao cristal, do cristal ao sêr vivo, e dêste, emfim, ao pensamento.

> . . . . . . e em vão meus olhos
> procúram perceber, entre os escólhos
> Que os não deixam sentir, nem deixam vêr,
>
> —Certas verdades por ninguem sentidas,
> E a harmonia perfeita de outras vidas
> Nas coisas, ao redór, a florescer . . .

Verdades que o Poeta alcança pelo sentido maravilhoso da intuição e que em vão procurarêmos sempre, impelídos pelo espirito da curiosidade cosmologica que se agita em cada um de nós, com os olhos da evidencia que Pascal classifica de grosseira,—anciosos e torturados como o taciturno principe da Dinamarca, ou na serena e confiáda resignação d'aqueles viajantes de Plotino que, perdidos na noite e assentados em silencio á beira do Oceano, espéram vêr surgir, emfim, sobre as ondas, a claridade do Sol.

Mas se, como o Oedipo não tríunfa no seu caminho de Thebas e o grande enigma, a divina ideia do mundo que, segundo Fichte, se oculta sob todas as aparencias, continúa indecifravel,—ao menos o Poeta, descobrindo em si a virtualidade dos combatentes, afronta a Sfinge e contenta-se com a verdade relativa que bem póde ser a *verdade sediciosa* que no seculo XVI tanto assustava o grande Erasmo.

O seu poema é, portanto, um canto á Vida e a apologia do esforço; e a preocupação do Mistério, que a instantes prepassa nos seus versos, é a expressão da necessidade que leva Prometeu a roubar o fogo sagrado e que motivará todo o progresso na via da civilisação; por isso ela é, no conjuncto da obra, um elemento de alta e delicada poesia, que não enfraquece o entusiasmo e a harmonia que palpitam em cada verso, como sob o cinzel ardente dum Carpeaux palpitam a alegria e o movimento.

A Victoria do Homem é, no limite das suas cento e tantas paginas, a afirmação exuberante duma intelectualidade, servida por uma sensibilidade sã e por uma doce e amoravel filosofia que permittem ao seu auctor a rara faculdade do entusiasmo e me auctorisam, a mim, a anunciar convictamente que acaba de chegar Alguem.

*

Do snr. Humberto Beça recebemos os seus últimos tres trabalhos: «Justiça de Castélla», «Sonhos d'Alma» e «*Fiat-Lux*»: o primeiro e terceiro em verso, o segundo em verso e prosa. A impressão geral que a sua leitura nos deixou não é boa. E sem querermos salientar as tres dúzias de versos errados do primeiro volume, por todos eles apenas encontrámos um lirismo banal, mais feito de adjectivos que de sentimentos e ideias.

UMA SANTA (Desenho de António Marçal.)